

Mídia e Congresso

EDGAR LISBOA

As frequentes trombaças entre congressistas e imprensa, em parte, podem ser explicadas por um fenômeno que se convencionou chamar superexposição à mídia. O Parlamento brasileiro vive hoje, literalmente, sob as luzes dos holofotes da televisão. E sob a lupa mais discreta, mas impiedosa, dos jornais.

Esse fenômeno decorreu da soma de vários avanços recentes na vida do Parlamento brasileiro com o crescimento acelerado da cobertura jornalística. A concorrência simultânea desses dois fatos acaba gerando muitos choques que, embora em certos momentos elevem excessivamente a temperatura, certamente serão benéficos a médio prazo.

Depois dos anos negros da década de 60 e 70, o Congresso Nacional, em poucos anos, recuperou suas prerrogativas, aumentou-as durante a Constituinte e passou a influir decisivamente nas grandes questões nacionais. Paralelamente, a imprensa, que pouca cobertura dava a um Parlamento manietado pelas leis de exceção, para lá voltou sua atenção.

O coroamento deste processo se deu quando a concorrência de esforços, entre jornalistas e parlamentares, acabou desaguando no **impeachment** do ex-presidente Fernando Collor. Tudo

começou com uma entrevista-bomba do irmão do ex-presidente e acabou com a votação acompanhada com interesse por todo o País.

Ocorre, porém, que, segundo congressistas experimentados, a imprensa a partir de então quis manter o pique de audiência. E, para isso, passou a fazer denúncias bombásticas freqüentemente. Muitas delas sem base. E o que é pior: quis julgamento sumário de todo e qualquer acusado de irregularidade.

Não há dúvida de que o gosto pelo espetacular atingiu até mesmo os jornais, antes bem mais comedidos que as redes de televisão. Mas também é importante considerar que as denúncias se sucedem, sem fim, em boa parte porque foi muito grande a sujeira jogada para baixo do tapete ao longo de muitos anos de arrocho à imprensa.

Se a imprensa pegou gosto pelo show das denúncias também é certo que setores do Parlamento sentem saudade do protetor manto de silêncio que, no passado, tantos privilégios e malandragens agasalhou.

Sem dúvida, procede a crítica de vários congressistas para os quais a imprensa dedica demasiado interesse ao grotesco, ao risível e ao estrambótico

em detrimento das atividades sérias. Reclamam senadores e deputados que se dá pouca atenção a comissões de inquérito e aos debates em plenário, em favor de fofocas partidárias, de picuinhas eleitoreiras.

Outro problema grave é o da escolha das fontes. Hoje em dia não passa de 35, no máximo 40 (ou seja, em torno de 5% do Congresso), o número de parlamentares ouvidos pelos jornalistas. São sempre os mesmos a falar sobre todos os assuntos.

Ocorre que isso não é, como querem alguns, mais uma tenebrosa manobra da imprensa. A cada legislatura surgem novos parlamentares que se destacam por seu trabalho, por sua inteligência, por seu poder de articulação ou por seu estoque de informações de bastidores. Esses obviamente ganham mais espaço.

O tema Mídia versus Congresso é fascinante e foi abordado de forma brilhante pelo deputado Roberto Magalhães, um dos parlamentares mais respeitados pelos jornalistas, durante o 4º Encontro Nacional de Jornais, realizado pela ANJ, em Recife na semana passada.

■ Edgar Lisboa é jornalista